
Legado arquitetônico africano: técnicas construtivas e sua influência na arquitetura brasileira

MEIRELES, Maria Eduarda M.

Instituto Federal de Goiás, Câmpus Luziânia

SANTOS, Nivea Cecilia S.

Instituto Federal de Goiás, Câmpus Luziânia

OLIVEIRA, Thawanny S.

Instituto Federal de Goiás, Câmpus Luziânia

Este trabalho nasceu da vontade de dar visibilidade a um conhecimento muitas vezes esquecido: a contribuição africana para a arquitetura do Brasil. A pesquisa buscou entender como técnicas vindas da África, como o pau-a-pique, taipa de pilão e o adobe, foram trazidas, adaptadas e recriadas em nosso território, ganhando novos significados e mostrando que não são apenas “formas de construir”, mas também parte da identidade e da resistência de um povo. Para chegar a esses resultados, usamos revisão bibliográfica; estudos de casos sobre quilombos da Bahia e de Goiás; comparações entre o que se usava na África e o que foi feito aqui; e refletimos sobre o valor cultural e social dessas práticas. O que vimos é que essas técnicas não só ajudaram a erguer igrejas, casas e comunidades, como também revelam um modo de viver coletivo, ligado à natureza e carregado de saberes ancestrais. A pesquisa adotou uma metodologia de caráter qualitativo, fundamentada em revisão bibliográfica de

autores como Souza (2021), Penha (2018), Costa Machado (2018), Silva Dias (2020), Librelotto (2022), Faria Rezende (2014), Weimer (2020), Faria (2011), Souza Rodrigues (2020) e De Jesus (2020). Os estudos de caso realizados sobre quilombos da Bahia e do Goiás, demonstram que a arquitetura é mais do que paredes de barro: é memória, é pertencimento e é também inovação, já que muitas dessas soluções são sustentáveis, biodegradáveis, resistentes e de baixo custo, algo essencial para os desafios atuais. O estudo também chama atenção para como chamar essas práticas de “populares” pode esconder sua verdadeira origem africana e apagar o papel do povo negro na história do Brasil. Reconhecer essa herança, ao contrário, é uma forma de justiça e de fortalecimento da educação antirracista, além de abrir novas possibilidades para pensar o futuro da construção no país. Em resumo, entendemos que não existe arquitetura brasileira sem África, e que valorizar essas técnicas é valorizar nossa própria história, nossas comunidades e um jeito mais justo e sustentável de viver.

Palavras-chave

Técnicas Construtivas; Arquitetura Africana; Quilombos; Sustentabilidade; Ancestralidade

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Goiás. Agradecemos ao CNPq pela bolsa concedida.